

ANT OLO GIA

DO BAR O DELFIM

DE

JOSÉ CARDOSO PIRES

José Cardoso Pires nasceu em 1925 e hoje, sem dúvida, um dos maiores nomes das nossas letras contemporâneas. Figura conhecida da boémia literária lisboeta, é conhecedor directo da vida dos bares e amigo de muitos «barmen». As suas obras mais conhecidas e actualmente disponíveis são as seguintes: «O Anjo Anorado», romance, 3.ª ed.; «O Render dos Heróis», teatro, 3.ª ed.; «Cartilha do Malva», ensaio, 3.ª ed.; «Jogos de Azar», contos, 3.ª ed.; «O Hóspede de Job», romance, 4.ª ed.; «O Delfim», romance, 4.ª ed. Destes, os romances «O Hóspede de Job» (galardoado com o Prémio Camilo Castelo Branco) e «O Delfim» alcançaram o retumbante sucesso internacional e ambos foram já publicados em cinco países.

O Engenheiro Anfritião tem o beber autoritário dos homens habituados a prolongar as horas e a companhia. Numa noite (suponhamos, naquela em que me faz o retrato das desventuras do cavalheiro Gaspar) é capaz de navegar num vinho manso, camarada e a caminho do sono — e às duas por três tornar ao princípio, quase fresco:

«Vamos meter mais uns copos, e ao nascer do sol despejamos uma cartucheira na lagoa. A guitarra?»

Diabo, se lhe deu para aí, se «virou o fundo à garrafa», como se diz em linguagem de bar, todo o tacto é pouco. Convém deixá-lo. Que toque e que beba e que repita as vezes que quiser a parábola da filha transviada. Tacto, recomendo e torno a recomendar a mim mesmo, enquanto ele procura a guitarra por cima dos cascos. Muito tacto. Há frequentadores de bar que ao quinto whisky puro estão arrasados, julgamos nós, e que começam a arrefecer, e só por alturas do décimo copo se vão abaixo outra vez. Meta-se alguém com eles, experimente, e verá o enterro que leva, porque bebedores de tão castigada ténpera não são parvos: têm o instinto dirigido para quem lhes quer explorar o vinho e a intimidade. Se estiverem de maré, são perversos como crocodilos ensonados e ajeitarão as suas confidências de modo a tirarem, eles, do curioso, um desabafo que lhes interesse. Os barmen podiam fazer um tratado sobre o assunto. Dez tratados, se quisessem. Uma enciclopédia do tamanho da *Britannica by appointment to His Majesty Johnnie Walker Rótulo Preto*.

«Tomás, nem tu sabes como me apeteceia um whisky», suspiro agora, em pensamento.

«Serve-te», grita-me ele, sentado nos degraus que dão para o pátio, a afinar a guitarra.

Mas estamos no *bodegón* e no *bodegón* bebe-se vinho. (Whisky aqui, na aldeia, só talvez no café, e Deus me livre de me ir meter no meio dos caçadores e do velho cauteleiro.)

Avanço para a torneira da pipa donde nos temos estado a servir, tomo uma gولada forte: Pelos barmen, por esses comandantes do prazer que conhecem à lé-

gua os exploradores das confidências dos bêbedos. Glória, três vezes glória — cantarolo cá para mim. Mas arrependo-me logo, ponho o copo com força em cima da mesa: *Glória* nunca, *Glória* é uma saudação de igreja. Os barmen não têm nada de sacerdotes. Abso-lu-tissi-ma-mente nada. Só são confessores e mães de fracos para os pretensiosos que julgam que um balcão é um muro das lamentações. Havia de ser lindo, padre, mãe e confidente ao preço de meio whisky com água.

«Nenhum escritor nasceu para complicar a vida», resmungo.

Tomás Manuel continua debruçado sobre a guitarra.

«Ouviste, Tomás? Nenhum escritor nasceu para complicar a porca desta chaticice em que andamos metidos. E os barmen ainda menos. Também não há nenhum que goste de complicar.» Cuspo para o lado: «Nenhum.»

Sabe-me mal a boca só de pensar nos ingénuos que procuram padre, mãe e confidente num barman, num homem de mão certa e ensinada a dominar sucessivas dinastias de Johnnies Walker, Vats Victoria, Gordons, Vintages, Stolichnayas & Companhia. Um barman, com todas as letras, é um indivíduo que tem a profissão de comandante do prazer, que se treinou para isso com o sentido exacto da medida e da discrição. Dispensa perfeitamente desgraças e arrogâncias. Ou não? Cuspo de novo, tenho a boca seca, desgostosa. Talvez não seja mau regular o vinho e guardar para outra ocasião os rapazes do meio-whisky-por-uma-confidência (despedindo-me daqui de todos eles com um simples gole do meu cantil se a formigamestra já mo tivesse trazido, bem atestado de aguardente. Já cá devia estar, e com toda a sutileza que lhe puseram os soromenhos.

Dou dois passos pelo quarto. Recordações e peras silvestres, suspiro. E ainda a tarde vai no meio. Que Deus perdoe aos ingénuos rapazes, se for capaz disso, e que os barmen de Entre Chiado-e-Cais do Sodré usem da tradicional magnanimidade para os escutar...)

...Porque, irmãos, é mais difícil passar

um camelo pelo buraco duma agulha do que fazer entrar o bebedor no reino privado dos barmen. Aprendam isso com eles e fixem que há mil bebidas e um número restrito de bêbedos — de tipos de bêbedos; não sei se me faço entender. Que o digam os barmen, esses nossos irmãos vigilantes, nossos timoneiros, nossos competidores supremos. Manolete, penso eu, dirigindo-me ao cartaz, também foi um competidor supremo. E em voz alta para o Engenheiro:

«Sabes o nome daquele touro?» Faço a pergunta e nem espero pela resposta. «*Islero*», digo. «*Islero* foi também um competidor supremo porque matou Manolete. E *Granadino*, já ouviste falar? *Granadino* foi outro competidor supremo porque matou o Joselito. Sei uma boa porção de coisas que davas tudo para saber.»



Publicação trimestral, propriedade do Clube de Barmen

Director e Editor: Raul Coelho Dias